

# Educação Ambiental na "ComVivência Pedagógica" do Caminho de Santiago<sup>1</sup>

## Environmental Education in the "Pedagogical Comvivência" of the Camino de Santiago

### Educación Ambiental en la "Comvisencia Pedagógica" del Camino de Santiago

Mauro Guimarães<sup>2</sup>  
Noeli Borek Granier<sup>3</sup>  
Angela Luciane Klein<sup>4</sup>

#### Resumo

Este artigo é um relato de uma das iniciativas de desenvolvimento da proposta teórico-metodológica da "ComVivência Pedagógica" para a formação de educadores ambientais. Apresenta-se os resultados parciais da investigação e realização de um processo formativo que culminou na peregrinação, ao longo de sete dias, do Caminho de Santiago de Compostela, na Galícia - Espanha, por um grupo de quatro educadores ambientais. Vivenciar essa experiência como um ambiente educativo, de acordo com os princípios formativos da proposta, objetivou experimentar um ambiente educativo diverso do que já havíamos realizado, seus limites e possibilidades, para aprimorar e subsidiar a consolidação dessa proposta formativa.

**Palavras Chaves:** Educação Ambiental. Experiências Pedagógicas. Formação de Educadores.

#### Abstract

This article is an account of one of the initiatives to develop the theoretical-methodological proposal of "ComVivência Pedagógica" for the training of environmental educators. It presents the partial results of the investigation and the realization of a formative process that culminated in the pilgrimage, over seven days, of the Camino de Santiago de Compostela, in Galicia - Spain, by a group of four environmental educators. Perform this experience as an educational environment, according to the formative principles of the proposal, aimed to experience an educational environment different from what we had already accomplished, its limits and possibilities, to improve and subsidize the consolidation of this formative proposal.

**Keywords:** Environmental Education. Pedagogical Experiences. Educator Training.

#### Resumen

Este artículo es una cuenta de una de las iniciativas de desarrollo de la propuesta teórico-metodológica de "ComVivência Pedagógica" para la formación de educadores ambientales. Presenta los resultados parciales de la investigación y la realización de un proceso formativo que culminó en la peregrinación, durante siete días, del Camino de Santiago de Compostela, en Galicia - España, por un grupo de cuatro educadores ambientales. Experimentar esta experiencia como un ambiente educativo, de acuerdo con

1 Texto baseado no trabalho a ser apresentado no XVII Congresso Nacional e IX Iberoamericano de Pedagogia em julho de 2021 na Universidade de Santiago de Compostela - Espanha.

2 Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

3 Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

4 Universidade Federal do Paraná.

los principios formativos de la propuesta, tenía como objetivo experimentar un ambiente educativo diferente de lo que ya habíamos logrado, sus límites y posibilidades, para mejorar y subsidiar la consolidación de esta propuesta formativa.

**Palabras Clave:** Educación ambiental. Experiencias pedagógicas. Formación de educadores.

A experiência que relatamos neste texto insere-se na proposta formativa da *ComVivência Pedagógica*<sup>5</sup> que estamos desenvolvendo para a formação de educadores ambientais. Confluem nesta investigação pesquisas de doutorado e mestrado, de integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (GEPEADS/UFRRJ), assim como uma pesquisadora em educação ambiental da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Esta pesquisa tem entre seus desdobramentos, a Tese de Doutorado de Noeli Borek Granier em processo de elaboração.<sup>6</sup>

A *ComVivência Pedagógica* é uma proposta teórico-metodológica para a formação de educadores ambientais, na qual o ambiente educativo se constrói na convivência entre educadores ambientais em formação, em uma práxis pedagógica. Propõe-se, pela radicalidade de experiências vivenciais de outros referenciais epistemológicos e modos de vida, o exercício da dialogicidade de novas relações conectivas com o outro, com o mundo (GUIMARÃES; GRANIER, 2017), buscando a ruptura com os referenciais paradigmáticos da modernidade. Os tempos de emergência climática requerem a radicalidade de educadores ambientais transformados e transformadores da realidade em crise.

Por sua importância nesta proposta, especial atenção é dada ao ambiente educativo<sup>7</sup>. Sua escolha e elaboração se orientam pela potencialidade que as características do contexto oferecem, no sentido de oportunizar ao sujeito em formação experiências vivenciais radicais, que vão à raiz das questões, que proponham um *choque de realidade*, para que sejam experiências significativas e que contribuam para o rompimento da *armadilha paradigmática*<sup>8</sup>, descrita em Guimarães (2007), imposta pela perspectiva hegemônica e estruturante do mundo moderno. Consideramos que a vivência desta radicalidade é essencial à formação do educador ambiental, em sua vida e práxis educativa

5 Proposta teórica metodológica em construção pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (GEPEADS/UFRRJ), a partir do projeto "Outras Epistemologias no Processo Formativo de Educação Ambiental", que vem sendo desenvolvido desde 2014, sob a coordenação do Prof. Dr. Mauro Guimarães.

6 Com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

7 O ambiente educativo que buscamos constituir nesta proposta é de um espaço tempo dinamizado por relações provocativas, incentivadas por princípios formativos para potencializar experiências significativas sincronicamente vivenciais, do indivíduo, de um com outro (indivíduo/sociedade), de um com o mundo (natureza).

8 "Um passo importante, a meu ver, passa por romper com uma armadilha a que todos estamos sujeitos. O que chamo (2004) de armadilha paradigmática. Para Morin (1997), paradigmas são "estruturas de pensamento que de modo inconsciente comandam nosso discurso", disse ressalta a força que os paradigmas têm nas nossas ações individuais e em nossas práticas sociais, a ponto de muitas vezes falarmos ou fazermos alguma coisa sem sabermos bem a razão de o porquê fazemos assim, mas "porque sempre foi assim por aqui", é o "normal" em nossa sociedade. Isso nos faz perceber que os paradigmas tendem a nos levar a pensar e agir de acordo com algo pré-estabelecido, consolidado por uma visão de mundo que nos leva a confirmar (inconscientemente) uma lógica, uma racionalidade dominante. Essa é uma tendência conservadora, inclusive na educação, que informam práticas individuais e coletivas que reproduzem os paradigmas." (GUIMARÃES, 2007)

transformada e transformadora, visto a necessidade do enfrentamento da gravidade e urgência da crise socioambiental atual, que tem nas mudanças climáticas sua maior expressão.

Propomos uma imersão vivencial de *reencontro com o natural*<sup>9</sup> como forma de ruptura com a dicotomização do ser humano da modernidade e de seu distanciamento como um "Ser Natural" (GUIMARÃES & GRANIER, 2017) que somos, apesar de por muitos nem percebido.

Esta proposta vivencial coaduna com a perspectiva significativa de *experiência* em Larossa (2002, p. 21), para quem "A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece." Nessa linha, a experiência refere-se a algo que nos marca, nos impacta, tornando-se indelével, impregnando-se em nossa memória e em nossos sentidos. Contudo, para que algo nos aconteça e nos toque, de fato, é necessário:

[...] parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p. 24).

Experimentar as possibilidades pedagógicas de ambientes educativos para a realização da *ComVivência Pedagógica* a partir dessa perspectiva está no cerne de nossas investigações e, em seus desdobramentos, a consolidação de Princípios Formativos em desenvolvimento. São eles: Reflexão Crítica, Posturas Conectivas, Indignação Ética, Desestabilização Criativa e Intencionalidade Transformadora. O principal objetivo deste relato é apresentar a experiência do Caminho de Santiago como um ambiente educativo dentro da proposta da *ComVivência Pedagógica*, suas possibilidades e limites, de forma a aportar subsídios para a consolidação da proposta e aplicabilidade em processos formativos de educadores ambientais em contextos diferenciados.

As vivências efetuadas em investigações anteriores foram oportunizadas em diferentes ambientes educativos, dentre eles aldeias indígenas e outros contextos diversos do modo de vida da modernidade. Ambientes em que houvesse uma centralidade na relação dialógica entre esses modos de vida e a natureza, facilitando um reencontro do humano com o natural, considerados processos formativos de acordo com a proposta da *ComVivência Pedagógica*.

Percorrer o Caminho de Santiago, tradicional percurso de peregrinação que se dirige à Galícia, no norte da Espanha, identificado como potencialmente condizente, foi o ambiente educativo de experiência vivencial que aqui relatamos, realizada de 19 a 26 de setembro de 2019. O percurso a pé de

---

9 A perspectiva do "reencontro com o natural" no processo formativo de educadores ambientais, entendemos que se insere num movimento de desconstrução das configurações impressas na dinâmica do mundo moderno, com vistas a uma reconstrução de sentidos, onde esteja presente a introjeção da importância vital desta conexão. Busca evidenciar a essência da unicidade ser humano e natureza, fazendo emergir um processo de reconexão, onde, rompendo a dicotomia e as amarras do antropocentrismo hierarquizante, o ser humano assume ser parte da natureza, percebendo-se como um dos tantos elementos, que compõem a rede interdependente da vida na Terra e no universo.

114 km, percorrendo bosques em áreas rurais, cruzando pequenos pueblos, foi feito a partir da cidade de Sarria até Santiago de Compostela e teve como participantes: Mauro Guimarães (UFRRJ), Luciana Guedes Guimarães (Fundação Osório), Noeli Borek Granier (UFRRJ) e Angela Klein (UFPR), o primeiro em estância de pós-doutorado, a segunda professora e coordenadora pedagógica e as duas últimas em *doutorado sanduíche* na Universidade de Santiago de Compostela (USC).

Observamos em realizações anteriores que uma etapa preparatória à experiência de imersão é essencial na abordagem da *ComVivência Pedagógica*, pois é o momento oportuno para discussões e dinâmicas de alinhamento do coletivo, conhecimento e adequação à realidade esperada, assim como a preparação para a radicalidade da vivência. Essa formação iniciou-se ainda em Santiago de Compostela, com estudos preparatórios sobre o Caminho, planejamento, visualização e debate de vídeos para Reflexão Crítica sobre a crise civilizatória, assim como dinâmicas de grupo e vivência da Postura Conectiva para a preparação da intencionalidade transformadora da experiência.

A formação completa realizou-se em oito encontros presenciais e à distância, anteriores e posteriores à realização do Caminho de Santiago, com a participação nesses encontros de oito educadores, sendo quatro à distância no Brasil (pesquisadoras do GEPEADS), e contando com o apoio na Espanha do Grupo de Investigación SEPA/USC. Paralelamente à experiência vivencial que aqui relatamos, realizou-se uma imersão em um sítio em Itatiaia no Brasil, com as educadoras participantes da formação à distância, cujas investigações destas também confluem na temática da proposta formativa da *ComVivência Pedagógica*.

Enquanto autores e coparticipantes de uma pesquisa-formação (JOSSO, 2007), tivemos uma experiência formativa que ocorreu em setembro e outubro de 2019, envolvendo um grupo composto por oito pessoas geograficamente dispersas (Brasil e Galícia), entretanto conectadas virtualmente.

Essa proposta formativa que une esses dois grupos de educadores ambientais em formação, se inseriu no contexto das iniciativas de ensino *on-line*, compreendida como uma realidade da era digital cada vez mais reconhecida e globalizada junto com o crescimento da web e dos recursos próprios da internet favoráveis à interatividade. Portanto, concebemos que nesta modalidade a aprendizagem deve ser fundamentalmente colaborativa.

De tal modo, para desenvolver o curso de Formação para Educadores Ambientais dos dois grupos, utilizamos a videoconferência como principal recurso de comunicação, pelo aspecto visual ser predominante, todos podem se ver e conversar, e pela experiência, geralmente, aproximar mais os participantes.

Partindo desse conceito dialógico, os participantes da formação elaboraram conjuntamente e seguiram um cronograma para estabelecer as leituras prévias e as atividades virtuais que seriam realizadas com o objetivo de sistematizar as reflexões e os novos saberes.

#### Cronograma:

Encontro 1: Planejamento

Encontro 2: História de Vida

Encontro 3: O saber da experiência

Encontro 4: Princípios formativos (parte 1)

Encontro 5: Princípios formativos (parte 2)

Encontro 6: Orientações para imersões

Imersão Brasil: 21 e 22 de setembro – Sítio em Itatiaia

Imersão Galícia: 20 a 26 de setembro – Caminho de Santiago

Encontro 7: Compartilhando a experiência do grupo Brasil

Encontro 8: Compartilhando a experiência do grupo Galícia

No entanto, na experiência do grupo da Galícia que realizou o Caminho que aqui focamos, tivemos a oportunidade de vivenciar e refletir, provocados pelos cinco Princípios Formativos da proposta, pelas dinâmicas intencionais e interação com elementos presentes no espaço. O espaço-tempo, ajustado às metas de caminhantes e a um *caminhar* externo, mas sobretudo, interno, oportunizou-nos experimentar uma ruptura com o tempo hegemônico da modernidade, o sem tempo para nada, do estresse de uma dinâmica alienante. A prática de silenciar a mente, abrindo espaço para a escuta e a observação, gerou a experiência de serenidade e clareza mental, potenciais antídotos para a hiperatividade do mundo moderno, assim como o estreitamento das relações de afetividade entre os integrantes do grupo, que vai também contra a liquidez das relações na modernidade (BAUMAN, 2001).

Nesse processo, receptivo ao diferente e diverso, caminhar reflexivamente entre bosques, hortas, pomares e campos faz emergir o sentimento de pertencimento a um todo maior e a convivência com as grandes árvores dos belos bosques locais, o admirar-se e o vincular-se, pouco lembrado e vivido pela sociedade moderna, da vital dependência dos humanos com estes seres. Sua imponente beleza desperta sentidos de sacralidade, acentuando a conectividade espiritualizada que permeia o Caminho.

Concomitantemente, este caminhar instiga o uso dos cinco sentidos em sua plenitude, em uma conexão sensorial mais direta com a natureza que a vida tecnológica nos embota, levando os participantes a vivenciar sensações e emoções tanto individualmente quanto coletivamente. Ver, ouvir, sentir, tocar e saborear emergem assim, como ações indissociáveis entre si e que dentro desse espaço-tempo, adquirem significativa relevância na medida em que despertam em cada sujeito um olhar mais sensível e reflexivo sobre nossa condição de ser humano e natural reciprocamente. Assim, aos poucos, o ruído do vento, das matas, dos pássaros cantando, da chuva caindo, das águas correndo entre as pedras ou dos passos produzidos por outros peregrinos misturam-se com o sabor e o aroma das amoras e das maçãs de pomares vizinhos; com o cheiro da terra molhada e das plantas; com as imagens das paisagens, cujas belezas se revelavam a cada curva do caminho, a cada novo amanhecer e entardecer nos sensibilizando diferentemente da vida cotidiana da modernidade.

Nesse processo, entre momentos de solidão e situações de diálogo, memórias relacionadas ao nosso Eu de ontem foram pouco a pouco emergindo, trazendo para o agora, aspectos de nossa individualidade, que nos fazem refletir sobre nossa própria trajetória existencial e as incertezas do amanhã. Face a este recordar, novos sentimentos surgem, acompanhados de uma sensibilidade perceptiva singular. E de repente, o que antes possivelmente passaria despercebido diante de nossos olhos, no decorrer do Caminho começa a ganhar importância em nossas reflexões: o ritmo dos peregrinos solitários e daqueles que andavam em grupo; o gesto de cumprimentar cada caminhante que passa com um saudoso *Buen camino*; o significado dos termos abundância e escassez ao caminharmos por tantos trajetos repletos de árvores frutíferas; a importância de sabermos vivenciar na prática a palavra

tolerância frente a situações de adversidade ou das quais não estávamos acostumados: como a dor física do longo deslocamento a pé sem recorrer a um transporte; do inevitável caminhar no frio e chuva; dormir em albergues, cujos quartos são compartilhados com pessoas de diferentes culturas e hábitos.

Destaca-se ainda o valor do tempo que nesse caminhar, nada tem a ver com o ritmo frenético da modernidade, cujos dias passam demasiadamente depressa. O anoitecer e o amanhecer passam a ser, de fato, percebidos e vividos em sua essência, assim como os dias ensolarados e os dias chuvosos. Sol, lua, estrelas, nuvens, tudo passa a ser vislumbrado dentro de um tempo marcado pela natureza e não mais pelo tempo do mundo moderno. As horas, nessa jornada, têm como principal função marcar o tempo percorrido a cada dia, assim como o horário de despertar e de dormir, ou então, o tempo para silenciar-se. Vivenciar a ruptura do tempo hegemônico da modernidade, marcado pelo tempo técnico mercantil, desse ritmo de vida tão tecnologicamente dependente, é uma significativa experiência.

Com efeito, esse cotidiano requer, à priori, simplicidade e novas posturas por parte dos caminhantes: desapego aos bens materiais, pois a caminhada exige poucos pertences. Levar somente o necessário, o que podíamos carregar em nossas mochilas era uma regra básica e que deveria ser colocada em prática durante todo o percurso; solidariedade, uma vez que tudo é compartilhado com quem se encontra pelo caminho, tempo, espaço, reflexões, ajuda e alimento; capacidade de observação aos detalhes, à vida que acontece em tudo o que se vê e que requer um conectar-se consigo e com o entorno cujo pensar, sentir e agir caminham juntos; superação dos limites, sem promessa de recompensa material; acostumar-se com o silêncio e com uma rotina diária cujo objetivo centra-se no chegar ao lugar onde deseja-se pernoitar; desconectar-se tecnologicamente, distanciando-se do mundo virtual, vivendo uma escala humana em que o alcance das pernas e do esforço físico é que nos acerca dos limites e superações possíveis no dia a dia vivido da caminhada.

Nesse Caminho da *ComVivência*, percorremos distâncias a pé que jamais imaginamos e que colocavam à prova, a todo momento, a nossa capacidade física, emocional e espiritual. Aprender a conviver com as dores nas costas, nas pernas, nos pés tornou-se, assim, tão importante quanto aprender a ter paciência com certas situações, contextos e sobretudo, pessoas, nos abrindo humildemente para uma postura mais dialógica.

São esses elementos pouco valorizados e vividos pela lógica e modo de vida da modernidade, que nos distanciam de uma realização mais direta dos nossos fazeres. Nessa experiência, o alcance do sucesso de nossas metas estão atrelados as nossas próprias capacidades, numa relação mais natural, pouco mediada pela vida tecnológica. Um estranhamento do cotidiano da modernidade que muito provoca e contribui para reflexões críticas e desconstrução/construção de sentidos que remetem à constituição da crise civilizatória atual, das relações disjuntivas da modernidade (MORIN, 1999) e da constituição da identidade de um sujeito ecológico (CARVALHO, 2004) dos educadores ambientais em formação.

Revelou-se significativa pedagogicidade na abordagem da *ComVivência Pedagógica* contextualizada no Caminho de Santiago, subsidiando o desenvolvimento dos cinco Princípios Formativos da proposta. Complementares e interrelacionados, os Princípios Formativos em construção demonstram-se provocadores da dinâmica formativa. A interseção entre eles se realiza e realiza o ambiente educativo, onde acontece a possibilidade de vivenciá-los e onde a *ComVivência Pedagógica* se potencializa. Esta potencialização se dá através das provocações que os Princípios

Formativos exercem, ao desencadear reações nos educadores ambientais em formação. E é na vivência individual e coletiva destas reações e interações, provocadas pelos cinco Princípios, que se encontra a sua pedagogicidade e o potencial formativo dessa vivência.

Assim, o Princípio Formativo da *Reflexão Crítica* atua como provocador de uma postura problematizadora, um olhar complexo sobre a realidade, que possa desvelar a *cegueira* imposta pela lógica predominante e pelo reconhecimento do contexto científico da gravidade e urgência da crise socioambiental, desencadeador de um sentimento de inquietude potencializado pela *Desestabilização Criativa* da desconstrução das certezas e potencializando a germinação do novo. Ao sentir-se concernente ao que passa pelas injustiças e degradações do mundo, gerando uma *Indignação Ética* de tocar-se com o outro, emerge o sentimento de pertencimento a um todo maior por uma *Postura Conectiva* de ruptura do particularismo, facilitando o envolvimento e a mobilização para além do individual, manifesto em uma *Intencionalidade Transformadora* do mundo e de cada um. Concomitantemente, o sentir-se tocado internamente pode propiciar ao sujeito um *olhar para dentro* e a percepção de que suas ações e escolhas afetam o meio da mesma forma em que são por ele afetadas, o que o predispõe simultaneamente a um *olhar para fora*. A *Reflexão Crítica*, em conjunto com os demais princípios, pode ser um estímulo a uma maior conectividade consigo mesmo e com o todo, no sentido de despertar o senso de responsabilidade e vínculos coletivos eticamente criativos e transformadores.

Pela abordagem do Princípio *Posturas Conectivas*, são oportunizadas no ambiente educativo vivências experienciais de conectividade, de busca e de encontro com o mundo e consigo mesmo, nas dimensões interna (autoconexão) e externa (reconexão com o todo), que provoquem a percepção da multidimensionalidade do ser e da realidade e, simultaneamente, o rompimento com a perspectiva disjuntiva da modernidade (*Intencionalidade Transformadora*). Pela experiência do sentimento de pertencimento ao todo, surge a percepção-compreensão da interdependência (*Reflexão Crítica*), a transcendência do humano, a compreensão e a solidariedade para com os outros seres (*Indignação Ética*), na emergência do sentido espiritual do *reiligare*, de reconexão com a Terra e o próprio Eu. Com efeito, estar em postura conectiva é estar aberto ao novo, às possibilidades de novas relações (*Desestabilização Criativa*).

O Princípio *Indignação Ética* é provocador de um sentimento *visceral* de oposição às situações de injustiça, indignidade e degradação, presentes nas relações de opressão e exploração (*Reflexão Crítica*). Consideramos que a força da vivência que este *sentir* que algo está errado provoca (indignar-se), tendo a ética como base deste sentimento, é um potente elemento mobilizador para re-ações sobre a problemática socioambiental (*Intencionalidade Transformadora*). Ética essa que, na percepção de que o outro me antecede (LEVINAS, 1980), leva em consideração o direito de existir (JONAS, 2015) de todas as formas de vida (*Postura Conectiva*), no presente e no futuro.

*Desestabilização Criativa* é o Princípio que irá provocar no sujeito em formação um movimento desestabilizador das certezas prescritas pelo determinismo da modernidade e a desconstrução dos padrões ilusórios consolidados, para que possa surgir a abertura de um espaço interno para novas possibilidades de relações dialógicas no mundo (*Posturas Conectivas*). Este processo de rompimento com o *caminho único* (GUIMARÃES, 2004), passa pela vivência da renúncia à falsa segurança e estabilidade difundida pelos conhecidos referenciais paradigmáticos hegemônicos e

pelo reconhecimento da gravidade e urgência da crise socioambiental (*Reflexão Crítica/Indignação Ética*), para que, através da *ComVivência*- vivência com - outras visões de mundo em um diálogo de saberes, resultem em experiências significativas que germinem a potencialidade criativa para que a superação da crise possa ocorrer (*Intencionalidade Transformadora*).

Na intencionalidade cada um é diferente. A provocação que o Princípio *Intencionalidade Transformadora* propõe é a de estimular o educador ambiental em formação a transformar recursos internos para uma atuação transformadora de si e do mundo, a partir da construção de sentidos da práxis de intervenção da realidade. A *Intencionalidade Transformadora* se manifesta quando há uma abertura para o novo e pela interrelação entre os outros Princípios, que atuam como motivadores para que a transformação aconteça. A transformação interna na ação transformadora da práxis dá força e sentido autêntico à intencionalidade expressa, fazendo emergir o sujeito transformado e transformador, que se percebe capaz de intervir nas mudanças do mundo, "para fazê-lo menos feio, mais humano, mais justo, mais decente", no entendimento de que "o amanhã não é algo 'pré-dado', mas um desafio" (FREIRE, 2000, p. 36-52).

Apesar de termos experimentado aspectos muito positivos na formação como um todo, tivemos também experiências que poderiam ser consideradas negativas para a eficácia da formação, mas que para a investigação da proposta, nos trouxe importantes observações. Escolhemos, por questão de logística, o trecho final do Caminho Francês para Santiago, que é o mais percorrido e, portanto, o mais estruturado. Mesmo tendo aspectos materiais e objetivos muito desejados para a vivência, como a presença pujante da natureza preservada, com muitos pequenos *Pueblos* com seus casarios e igrejas antigas, vividos por seus moradores em uma cultura de um mundo rural histórico – e que nos remetia a um passado medieval- um aspecto subjetivo e não tão imaterial se fez presente. A grande afluência de peregrinos nesse caminho criou uma demanda turística e uma estrutura que por vezes tornava o modo de vida moderno muito presente na vivência, o que pode gerar uma distração não desejada na imersão.

Da mesma forma, outra questão que foi motivo de reflexão foi a pertinência na imersão do caminho do afastamento das comunicações (celulares e tv`s), a necessidade de um silenciamento profundo, e principalmente das redes sociais, algo tão estruturante da vida moderna hoje. A crescente vivência do mundo virtual, cada vez mais dicotomizado do mundo real, é um forte indutor de vivermos disjuntivamente o nosso cotidiano. Ao ponto das novas gerações estarem, como seres virtuais, cada vez mais identificadas com o mundo virtual do que com o mundo real, em que as relações se fazem crescentemente mediadas pelos meios tecnológicos. Certamente a radicalidade da imersão deve ser buscada na ruptura dessas mediações, o que potencializa a reconexão do ser humano como ser natural.

Isso nos trouxe como significativa observação, a importância da radicalidade da ruptura com o modo de vida moderno no espaço vivencial, o que potencializa a formação do educador ambiental numa reflexão existencial de ressignificação do seu modo de vida. Pois favorece a ruptura com as referências da modernidade tão impregnado em nosso cotidiano, em que ao vivenciarmos no dia a dia um outro modo de vida bem diferente da vida moderna, isso possa provocar um choque de realidade (desestabilização criativa) para ser trabalhado reflexivamente, para um desvencilhamento e ressignificação dos paradigmas da modernidade.

A radicalidade do *choque de realidade* proposto na *ComVivência Pedagógica* potencializa a



significância da experiência existencial ao ir fundo no inconsciente, desvelando e desconstruindo os referenciais disjuntivos da modernidade lá introjetados, desmontando as armadilhas paradigmáticas do *agir no automático*. Com isso possibilita ressignificar referenciais de visão de mundo, dando novos sentidos vivenciados intensamente imerso em outras relações com o mundo, em um processo formativo de exercício de ser mais ambiental, dialógico, ético, solidário, amoroso, espiritualizado, o que consolida a identidade de sujeito ecológico em sua práxis de educador. Quanto mais significativa for a experiência do processo formativo, mais potencialidade transformadora do exercício de *ser mais ambiental*<sup>10</sup> na formação da identidade de *sujeitos ecológicos*<sup>11</sup>. Assim como, mais potencialidade transformadora resultará da práxis deste educador transformado e transformador.

Portanto o que nos parece diferenciar o processo formativo de educação ambiental do processo de formação de educadores ambientais é a potencialidade do ambiente educativo possibilitar, pela radicalidade da significação da experiência no exercício de ser mais ambiental, a introjeção da identidade de sujeito ecológico dos educandos participantes do processo formativo, o que os consolida como educadores transformados-transformadores.

Se tivermos como educadores restrições para a construção de ambientes educativos mais radicais para a condução de experiências mais significativas, acreditamos que os princípios formativos da *ComVivência Pedagógica* podem contribuir para provocar ambientes educativos na condução de processos formativos de educação ambiental, em que o educando pode se sensibilizar e despertar para a gravidade e urgência da questão ambiental, compreendendo a necessidade do exercício de ser mais ambiental em sua atuação cidadã, abrindo-se para o processo de construção de sua identidade como sujeito ecológico, se colocando receptivo e favorável ao fluxo da contra correnteza no caminho de um outro mundo possível.

Tivemos, portanto, como importante resultado desta investigação no Caminho de Santiago, a indicação de ser essa radicalidade um relevante aspecto a ser considerado, para dar maior potencialidade a proposta da *ComVivência Pedagógica*. Destacou-se assim a importância do se fazer no processo formativo anterior a realização da experiência vivencial, a preparação e construção do sentido de radicalidade da experiência, que passa por se apropriar do contexto científico da gravidade e urgência da crise, mas também para que essa predisposição de vivenciar essa radicalidade da formação fosse significado individual e coletivamente. O estabelecimento de acordos prévios; o tornar consciente o sentido de se estabelecer novas relações com o outro: indivíduos e natureza; reforços desse sentido

---

10 "Fazendo um paralelo entre as abordagens aqui expostas, podemos perceber que, expandindo o prisma humanista de Freire, para o sentido do humano como natural, o 'reencontro com o natural', além de contribuir para o desabrochar do Ser Natural, possibilita uma reconfiguração do self, pois redimensiona sua relação com o mundo, sob a ética da Terra. Enquanto que, o processo de reconexão com o Ser Natural proporciona o rompimento com o caminho único, revelando um caráter emancipatório, que torna o ser humano mais. Agora, 'percebendo a reciprocidade entre o Ser Mais e o Ser Natural, através da qual ambos se potencializam e se complementam, vemos emergir aí a possibilidade de um novo sujeito em exercício, um Ser Mais Ambiental.'" (GUIMARÃES; GRANIER, 2017)

11 "Ainda que o Ser Mais Ambiental represente uma construção, um exercício, que entendemos ser pertinente ao processo formativo de educadores ambientais, podemos pensar neste sujeito que, com o self ecológico (LEFF, 2016) constituído, estaria enfim estruturado, consolidado na identidade de sujeito ecológico (CARVALHO, 2004), para decisivamente enfrentar o movimento de transformação e reconfiguração de sua atuação com o mundo, de acordo com a sustentabilidade da vida no planeta." (GUIMARÃES; GRANIER. 2017)

de radicalidade ao longo da vivência em momentos reflexivos e dialógicos, mostrou-se relevante para potencializar durante a vivência o máximo de imersão possível na realização de um cotidiano diferenciado do modo de vida moderno. Todo esse processo preparatório e de realização da experiência consiste no ambiente educativo que se pretende na proposta da *ComVivência Pedagógica*.

Assim, acreditamos que a vivência da experiência do Caminho de Santiago nos permitiu apontar que uma forma de ruptura com as armadilhas paradigmáticas é, no processo formativo, promover ambientes educativos de estranhamento do que se pensa e se faz normalmente. É resignificar o cotidiano trabalhando a construção de novos sentidos que se contraponham aos hegemônicos, os quais encontram-se por traz de ideias forças em nossa forma de pensar (visão de mundo) e que se reproduzem em nosso "agir no automático".

Não podemos deixar de mencionar também o quanto a realização do sentido de humanidade, como um ser também natural, passa pela reconexão com a vida real em seu sentido biofísico natural. Vivemos hoje, na distopia da crise, um mundo cada vez mais virtual que se dicotomiza da vida real. As redes sociais alimentando posturas egocêntricas e individualistas; a superficialidade e virtualidade das relações, privando-nos das interações diretas vividas no mundo real, têm estimulado valores alienados dos bons encontros; algo que desconfiamos esteja no centro de tantos sofrimentos dos perdidos indivíduos solitários da modernidade.

Há neste início de século um mal-estar civilizacional que vem gerando sentimento depressivo de frustração, falta de sentido, desorientação por uma perda de referências que nos permitam viver em comunhão; o que tem propagado um grave sentimento de solidão existencial em meio a relações cada vez mais líquidas, superficiais e opressivas.

O ancestral princípio do *Buen Vivir* nos ensina que a felicidade individual está atrelada a felicidade de sua comunidade. Como ser feliz em um mundo que gera tanta infelicidade? Para educadores transformados e transformadores, construtores de outros caminhos, de outros significados, de um modo de vida simples materialmente, mas rica em convivência diversa, criativa e direta, em harmoniosas e cuidadosas relações coletivas e com a natureza; isso é viver a construção de outros mundos possíveis.

Caminhar por dias, juntos e afetivamente, com o tempo de reflexão, rompendo mesmo que parcialmente com um viver tecnológico, nos conectando e sacralizando a uma natureza intensa e vivificada em nosso cotidiano, certamente representou uma experiência extremamente significativa e pedagógica para a nossa formação como educadores ambientais e de grande contribuição para o processo de consolidação da proposta da *ComVivência Pedagógica*.

## Referências

- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CARVALHO, I. *A Formação do Sujeito Ecológico*. São Paulo: Cortez, 2004.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- GUIMARÃES, M. *A formação de educadores ambientais*. Campinas: Papyrus, 2004.

GUIMARÃES, M. (org.) *Caminhos da educação ambiental: da forma a ação*. Campinas: Papirus, 2007.

GUIMARÃES, M.; GRANIER, N.B. Educação ambiental e os processos formativos em tempos de crise. *Revista Diálogo Educacional*, v. 17, n. 55, p. 1574-1597, 2017.

JONAS, H. *O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

JOSSO, M. *A transformação de si a partir da narração de histórias de vida*. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), set./dez. 2007. p. 413-438.

LAROSSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, 2002.

LEVINAS, E. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980.

MORIN, E. *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

### **Mauro Guimarães**

Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986), com especialização em Ciências Ambientais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1991), Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (1996) e Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2003). Pós-Doutoramento em Educação na Universidade Federal de Mato Grosso (2015). Professor pesquisador do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e Professor da Graduação de Geografia e Pedagogia. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade (GEPEADS). Coordenador do GT 22 de Educação Ambiental na ANPEd (2013-2015). Atuação na área de Educação, com ênfase em Educação Ambiental. Palestrante, autor de livros e artigos na área. E-mail: [guimamauro@hotmail.com](mailto:guimamauro@hotmail.com)

### **Noeli Borek Granier**

Doutoranda em Educação, no Programa de Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, PPGEduc - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ / Brasil. Atualmente em estágio de "doutorado Sanduíche" na Universidade de Santiago de Compostela - USC / Espanha. Mestra em Educação pelo Programa de Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares - PPGEduc / UFRRJ, com pesquisa em Educação Ambiental (2017, PPGEduc / UFRRJ). Graduação em Pedagogia Licenciatura pela Universidade Veiga de Almeida / UVA (2013). Experiência no ensino de idiomas (inglês e francês) em instituições privadas. Atua como pedagoga e educadora ambiental, em âmbito formal e em instituições sem fins lucrativos. E-mail: [noelibgr@gmail.com](mailto:noelibgr@gmail.com)

### **Angela Luciane Klein**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Paraná (UFPR/2017), possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria (2005), especialização em Educação Ambiental pela mesma Universidade (2007) e mestrado em

Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2012). Com experiência como docente (educação infantil, ensino fundamental, graduação, especialização), atua nos seguintes temas: educação ambiental, propriedades rurais pedagógicas, formação de professores, educação infantil, turismo rural pedagógico e turismo rural. Realizou período de doutorado-sanduíche na Espanha, no Grupo de Investigación en Pedagogia Social y Educación Ambiental (SEPA), coordenado pelo professor Doutor Antônio Caride, da Universidade de Santiago de Compostela (USC), através do PRINT - Programa Institucional de Internacionalização, com financiamento da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. E-mail: [angelaklain@yahoo.com.br](mailto:angelaklain@yahoo.com.br)

Recebido em: 11 de fevereiro de 2020

Aprovado em: 05 de maio de 2020

Publicado em: 11 de junho de 2020